

A AUTORA

Maria Cristina Palma Mungioli

Pedagoga. Mestre em educação. Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Integração Zona Oeste.

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA NARRATIVA

Narrativa revela sua importância para a compreensão da cultura humana

Desde as rudimentares pinturas nas cavernas até os nossos dias, o ser humano tem encontrado no gênero narrativo não só uma forma de demonstrar e interpretar suas relações com o mundo e com as pessoas que o cercam como também de ser compreendido e interpretado.

A narração é um gênero onipresente em nossas vidas. Desde as histórias que ouvimos à hora de dormir, passando pelos jornais, histórias em quadrinhos, textos de ficção, anedotas, publicidade até às parábolas religiosas, a narração acompanha-nos por toda a vida. Narrar é uma habilidade inerente ao ser humano e para alguns estudiosos configura-se como o próprio fator de humanização de nossa espécie.

Já nas primeiras manifestações da cultura escrita, o gênero narrativo fazia-se presente, como atestam os textos do Velho Testamento, o livro dos Vedas ou os textos atribuídos a Homero. Quase tão

antiga quanto a narrativa escrita, tem sido a preocupação com seu estudo. De Aristóteles até hoje, especialistas das mais diversas áreas têm se dedicado à análise de textos narrativos com a intenção de compreendê-los. Porém, podemos considerar que foi somente a partir dos trabalhos realizados por alguns pesquisadores soviéticos, conhecidos no Ocidente como Formalistas Russos¹, que o estudo sistemático da narrativa começou a se delinear e serviu como uma espécie de linha divisória entre formas distintas de se estudar a narrativa.

Em termos históricos, o estudo da narrativa pode ser dividido em dois grandes momentos. O primeiro caracteriza-se pelo estudo do texto narrativo centrado na sua interpretação, sendo a exegese a representação máxima desse período. O segundo momento, que se caracteriza pelo estudo sistemático da narrativa do ponto de vista de suas estruturas, tem início com a pu-

1. Termo que abarca as pesquisas linguísticas e literárias realizadas na Rússia nos Anos 20. (N. Ed.)

blicação, em 1928, do livro *Morfologia do conto*, de Vladimir Propp².

Os estudos empreendidos pelos Formalistas Russos fundaram a narratologia como teoria da narrativa. Adam define a narratologia como “um braço da ciência geral dos signos – a Semiologia – que se esforça em analisar o modo de organização interna de certos tipos de textos. Isso a relaciona com a Análise do Discurso e com a Linguística textual que distingue os tipos de textos (argumentativo, explicativo, descritivo, narrativo etc.) dos tipos de discurso em que se encontram atualizados e misturados (romances, filmes, histórias em quadrinhos, foto-romances, *faits divers*, publicidade, anedotas etc.)”³.

Na esfera dos estudos literários, podemos dizer que o estudo sistemático das narrativas proporcionou uma mudança no foco de atenção dos pesquisadores: a interpretação deixou de ser a única via de estudo do texto narrativo; surgiram, então, as análises sobre as estruturas e os discursos narrativos. Buscou-se, assim, “não apenas o que o texto queria dizer” mas também “como” o texto se construía e se organizava para conseguir significação. É

basicamente essa mudança de enfoque que tem aberto e possibilitado novas perspectivas de análise que envolvem, além do texto propriamente dito, as formas de pensamento humano⁴.

NARRATIVA E COGNIÇÃO

Com a divulgação dos resultados de pesquisas efetuadas por diversos estudiosos dos campos da lingüística, da semiótica e da psicologia cognitiva, o interesse pelas formas de pensamento presentes na narrativa tem se tornado uma constante nas duas últimas décadas⁵.

Um dos fatos desencadeadores para essa nova abordagem do texto narrativo foi a publicação, em 1976, dos trabalhos de Havelock acerca dos poemas homéricos. Para esse estudioso, tais poemas representavam uma avançada civilização que utilizava a narração como um modo de pensamento.

Os estudos de Havelock ocupam um lugar privilegiado quando se discute a passagem da cultura oral grega à cultura escrita e abriram caminho para inúmeras pesquisas que abordam a relação entre o desenvolvimento da cultura escrita e do pensamento. Muitos desses trabalhos⁶ detêm-se em pesquisar as

2. PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1984.

3. ADAM, J. *Le récit*. Colletion Que sais-je? (A narrativa. Coleção O que eu sei?) Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 4. (Faits-divers – do francês fatos diversos. Expressão para designar notícias corriqueiras de interesse popular.)

4. Fazendo um apanhado histórico sobre como se tem considerado a narrativa, Olson afirma que ela tem sido vista há séculos como antagonica ao pensamento racional: “*Narrativa é uma forma de discurso natural, não-reflexiva e acritica que é o oposto de formas mais reflexivas de discurso tais quais história ou filosofia*” (tradução nossa). Cf. OLSON, D. R. *Thinking about narrative* (Pensando sobre a narrativa) In: BRITTON, B. K. & PELLEGRINI, A. (org.) *Narrative thought and narrative language*. (Pensamento narrativo e linguagem narrativa.) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1990. p. 99.

5. Segundo Olson: “Narrativas (...) podem ser vistas não somente como esquemas para armazenamento de informação para sua reutilização mas também como formas de pensamento - esquemas de interpretação de experiências e ação informativa.” Cf. OLSON, D. R. *Thinking... op. cit.* p. 101.

6. BRUNER, J. *Realidades mentais, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. _____, *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. CHAFFE, W. *Some things that narratives tell us about the mind* (Algumas coisas que as narrativas nos dizem sobre a mente) in: BRITTON, B. K. & PELLEGRINI, A. D. (org.) *Narrative... op. cit.* FELDMAN, C. F. & BRUNER, J. & RENDERER, B. & SPITZER, S. *Narrative comprehension*. In: BRITTON, B. K. & PELLEGRINI, A. D. (org.) *Narrative ... op. cit.* OLSON, D. R. & TORRANCE, N. (org.) *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995. OLSON, D. R. *Thinking about narrative*. In: BRITTON, B. K. & PELLEGRINI, A. (org.) *Narrative ... op. cit.*

relações entre o pensamento e a linguagem narrativa.

Havelock⁷ apresenta e discute os poemas épicos da *Ilíada* e da *Odisséia* como sendo representantes de uma avançada civilização que utilizava a narração como um modo de pensamento. Para Havelock, os poemas homéricos devem ser vistos como “imensos repositórios da informação cultural, abrangendo costumes, leis e propriedades sociais que também foram armazenados”⁸. Para ele, tais poemas encerravam não apenas palavras a serem memorizadas como também ritmos e métrica próprios que funcionavam como uma espécie de fórmula mnemônica a ser cantada.

Entre os estudiosos que analisam a narrativa sob o aspecto do desenvolvimento cognitivo e que buscam compreender os esquemas cognitivos e as formas de pensamento que engendram e são engendradas pelo pensamento lógico, destaca-se Jerome Bruner. Esse psicólogo norte-americano dedicou o livro *Realidades mentais: mundos possíveis* ao exame e à discussão do quanto preponderante foi o papel da narrativa na evolução da cultura humana.

Nesse livro, publicado nos EUA em 1986, Bruner analisa a argumentação e a narração como as duas formas de que o ser humano dispõe para construir seu pensamento seja ele científico ou imaginativo. Ele não considera que uma dessas formas seja superior a outra; cada uma delas se adapta a necessidades humanas distintas em seus fins, mas têm em sua concepção semelhanças.

Segundo Bruner, cada uma das duas formas de pensamento oferece caminhos distintos de fornecer experiências de construção da realidade.

Os modos argumentativo e narrativo, embora complementares, são irreduzíveis um ao outro e o primeiro não representa um refinamento ou uma abstração do outro.

Cada um dos modos opera com seus próprios procedimentos e critérios. Uma boa história e um argumento bem construído têm suas características peculiares; porém, ambos podem ser usados para convencer uma pessoa. Suas formas de convencimento são diferentes: o argumento convence por sua verdade, histórias por sua semelhança com a vida (verossimilhança). O primeiro verifica-se pelo uso de procedimentos formais e provas empíricas. O outro estabelece não a verdade mas a verossimilhança.

Essas formas de expressão funcionam diferentemente e a estrutura de um bem formado argumento lógico difere radicalmente daquela de uma história bem forjada. Em ambas utiliza-se a questão da causalidade, mas os tipos de causalidade implicados em cada um dos processos são diferentes. (O termo “então” funciona diferentemente numa proposição lógica – se x, então y – e num discurso narrativo – o rei morreu e en-

7. HAVELOCK, E. *Origins of western literacy*. Toronto: OISE Press, 1976. _____, *The literate revolution in Greece and its cultural consequences*. Princeton New Jersey: Princeton University Press, 1982.

8. HAVELOCK, E. *A equação da oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna*. In: OLSON, D. R., TORRANCE, N. (orgs.) *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995. p. 30.

tão a rainha morreu). Um objetiva a busca por verdades universais, o outro por conexões semelhantes entre dois eventos (morte, suicídio). Embora seja verdade que o mundo da história, para adquirir verossimilhança, deva estar conforme os cânones da consistência lógica, ele pode violar esta consistência lógica (como por exemplo Kafka, Beckett). Da mesma forma a arte da retórica inclui o uso de instâncias dramáticas para conseguir agudeza de um argumento cujas bases são principalmente lógicas, o que demonstra que as categorizações estanques nem sempre dão conta das inúmeras situações de significação que ocorrem nas esferas da comunicação.

Bruner⁹ enfatiza que os critérios de análise de um argumento correto ou incorreto são diferentes daqueles usados para julgar uma boa história e que sabemos que várias hipóteses científicas e matemáticas começaram suas vidas como pequenas histórias ou metáforas, mas conseguiram sua maturidade através da verificação, formal ou empírica, e seu poder não repousa em suas origens dramáticas.

O modo paradigmático ou lógico-científico procura realizar o ideal de um sistema formal e “matematizado” de descrição e explanação. Ele utiliza categorizações ou conceituações, operações pelas quais categorias são estabelecidas, colocadas em instâncias, idealizadas e relatadas de uma para outra forma de sistema. Seu

armamentarium (arsenal) de conectivos inclui em seu lado formal idéias semelhantes como conjunção e disjunção, hipernomia e hiponomia, implicação estrita e as fronteiras pelas quais proposições gerais são extraídas de sentenças em seus contextos particulares. De maneira geral, o modo lógico-científico (ou paradigmático) negocia com causas gerais o seu estabelecimento e faz uso de procedimentos para assegurar a verificabilidade da referência e testar a verdade empírica. Sua linguagem é regulada por necessidades de consistência e de não contradição. Seu domínio é definido não somente pelas coisas observáveis que sua sentença básica relata, por sua geração lógica, como também pela exposição de possíveis mundos que podem ser logicamente gerados e testados contra coisas observáveis – que são levadas pelas hipóteses de princípios.

CULTURA NARRATIVA

Bruner argumenta que sempre se procurou entender a narrativa tentando-se compreender o seu significado (ou o que o texto queria dizer), mas pouco se pesquisou em relação aos processos de pensamento que engendram uma narrativa e como esta passa a ter significado. Essa tem sido a tarefa relativamente recente de muitos psicólogos cognitivistas¹⁰ e pesquisadores da área de linguagem.

9. BRUNER, J. *Realidades...* op. cit.

10. Bruner, como um dos fundadores do Centro de Estudos Cognitivos de Harvard, em 1960, afirma que a meta da chamada revolução cognitiva e desse centro era: “(...) descobrir e descrever formalmente os significados que os seres humanos criavam a partir de seus encontros com o mundo e então levantar hipóteses sobre que processos de produção de significado estavam implicados. Ela focalizou as atividades simbólicas que os seres humanos empregavam para extrair significados não apenas do mundo, mas de si mesmos.” Bruner explica que muito cedo a ênfase deixou de recair sobre o significado das relações humanas para privilegiar a idéia de “processamento de informações”. Segundo ele, esse enfoque ganhou força com o progresso da computação que passou a ser vista como uma espécie de modelo de inteligência. As implicações dessa mudança de enfoque são inúmeras e não é pertinente às pretensões deste trabalho discutí-las. Cf. BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 16.

Em *Atos de significação*, Bruner procura demonstrar que é a cultura e não a biologia que “molda a vida e a mente humanas, que dá significado à ação, situando seus estados intencionais subjacentes em um sistema interpretativo. Ela faz isso impondo os padrões inerentes aos sistemas simbólicos da cultura, sua linguagem e modos de discurso, as formas de explicação lógica e narrativa e os padrões de dependência mútua da vida comum”¹¹.

Acreditamos que o trabalho científico de Bruner possa ser visto como uma alternativa aos estudos cognitivistas que consideram a cognição humana segundo os padrões computacionais. Além disso, é possível notar, nos dois livros aqui mencionados, a forte influência que as pesquisas e a teoria de Vygotsky lhe causaram.

De acordo com Bruner, a maioria dos estudiosos, com exceção de Vygotsky, demoraram a se dar conta do valor primordial da cultura na evolução do pensamento humano.

A perspectiva sócio-histórica da teoria de Vygotsky, no que diz respeito à atividade cognitiva, contempla a visão de que o comportamento humano só pode ser entendido quando se observam os fatores históricos e sociais que o geraram. Uma

das consequências dessa abordagem é que para Vygotsky¹² o cognitivo e o afetivo são duas dimensões humanas inseparáveis que são construídas pelo seu inter-relacionamento e influências mútuas.

Bruner, afinado com essa perspectiva de Vygotsky, argumenta: “A implicação mais geral é a de que a cultura se encontra em um constante processo de ser recriada à medida que é interpretada e renegociada por seus membros. Neste ponto de vista, a cultura é tanto um fórum para negociação e renegociação de significado e para explicação da ação quanto um conjunto de regras ou especificações para a ação. De fato, toda cultura mantém instituições especializadas ou ocasiões para intensificação dessa característica ‘semelhante a um foro’. Narração de histórias, teatro, ciência e mesmo jurisprudência são técnicas para a intensificação desta função – maneiras de explorar mundos possíveis a partir do contexto de necessidade imediata”¹³.

Essa sua análise acerca da psicologia cultural leva-o a formular um argumento, segundo ele próprio, bastante radical: “(...) é o impulso para construir narrativas que determina a ordem de prioridade na qual as formas gramaticais são dominadas pela criança pequena”¹⁴.

A base de sua argumentação encontra-se na seguinte questão: se a ocorrência do pensamento narrativo é funcional no nível do discurso, o mesmo deve ocorrer com relação à apropriação das estruturas gramaticais por parte das crianças.

11. BRUNER, J. *Atos ... op. cit.*, p. 40.

12. VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

13. BRUNER, J. *Realidades mentais, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 129.

14. BRUNER, J. *Atos ... op. cit.*, p. 72.

De acordo com seu raciocínio, a narrativa exerce uma função desencadeadora na aquisição da linguagem pela criança. O papel essencial da narrativa prosseguiria no decorrer da vida dos seres humanos, posto que é através da interpretação de narrativas que as pessoas agem e interagem. “Negociar e renegociar os significados por intermédio da interpretação narrativa é (...) um dos corolários das conquistas do desenvolvimento humano, no sentido ontogenético, cultural e filogenético desta expressão”¹⁵.

Portanto, a atividade narrativa encerra um processo cognitivo-social na medida em que instrumentaliza o ser humano a se situar como indivíduo e como ser social, pois: “(...) as crianças reconhecem muito cedo que o que elas fizeram, ou planejam fazer, será interpretado não apenas pelo ato em si, mas pelo que elas contarão a respeito dele, *logos* e *práxis* são culturalmente inseparáveis. O cenário cultural das nossas próprias ações nos força a sermos narradores”¹⁶.

Segundo Bruner, a criança apreende desde pequena o poder de argumentação das narrativas e lança mão delas sempre que necessário: “A criança (...) logo domina as formas de linguagem para se referir a ações e suas consequências, na medida em que elas ocorrem. Ela aprende em seguida que o que você faz é dramaticamente afetado por como você relata o que está fazendo, fará ou fez. Narrar torna-se não apenas um ato expositivo, mas retórico. Narrar de uma

forma que coloca o seu argumento de maneira convincente requer não apenas linguagem, mas um domínio das formas canônicas, pois é necessário fazer nossas ações parecerem uma extensão do canônico, transformando-as através de circunstâncias atenuantes. No processo de obtenção dessas habilidades, a criança aprende a usar algumas das ferramentas menos atrativas do negócio retórico, engano, lisonja e tudo o mais. Mas ela também aprende muitas das formas úteis de interpretação e, por meio delas, desenvolve uma empatia mais penetrante. Ela entra então na esfera da cultura humana”¹⁷.

Bruner acredita que a própria constituição de uma cultura humana viável só se torna possível porque dispomos de narrativas que servem para inter-relacionar significados e ações.

“Estar em uma cultura viável é estar inserido em um conjunto de histórias conectadas capazes de estabelecer vínculos mesmo que essas histórias não representem um consenso”¹⁸.

Ao apresentar o processo de criação narrativa como sendo uma espécie de princípio organizador do pensamento no qual a criança está inserida desde a sua mais

15. BRUNER, J. *Atos ... op. cit.* p. 65.

16. BRUNER, J. *Atos ... op. cit.* p. 74.

17. BRUNER, J. *Atos ... op. cit.* p. 78.

18. BRUNER, J. *Atos ... op. cit.* p. 85.

tenra idade, Bruner aproxima-se muito de Bakhtin¹⁹, pois este argumenta que não aprendemos palavras descontextualizadas (neutras), aprendemos e utilizamos palavras impregnadas de intencionalidade tal como Bruner afirma acontecer com as narrativas – mesmo as de crianças pequenas.

Portanto, podemos concluir que assim como usamos palavras de outrem, que passam a ser nossas, empregamos discursos narrativos e formas de narrar de outrem que também passam a ser nossos, visto que os atualizamos, os impregnamos e os empregamos com a nossa intencionalidade, integrando-os ao nosso enunciado individual.

Vygotsky, ao discutir o predomínio do sentido de uma palavra sobre seu significado, também abre espaço para relacionar os fenômenos psicológicos com os fenômenos sociais: “Uma palavra adquire seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes altera o seu sentido”²⁰.

Resumo: O texto apresenta de maneira sucinta algumas idéias que nas últimas duas décadas fizeram com que o interesse pelo estudo da narrativa tenha aumentado de maneira significativa. Tal interesse não se tem limitado ao tradicionalmente chamado campo de estudos dos gêneros literários. Ao contrário, a cada dia, mais e mais pesquisadores ligados à área da cognição humana procuram, no estudo da narrativa, elementos que os levem a entender

Outros pesquisadores têm relatado experimentos em que fica clara a forte presença da narrativa na forma de organizar os pensamentos humanos. Chafe afirma ver “(...) as narrativas como manifestações abertas da mente em ação: como janelas que revelam em tempo real o conteúdo da mente e suas operações no momento mesmo em que elas se realizam”²¹. (tradução livre)

Segundo esse autor, “a mente é ao mesmo tempo guiada e constrangida por esquemas: expectativas pré-concebidas e modos de interpretação que já estão preparados para isso”²².

As perspectivas abertas pela recente abordagem dos estudos da narrativa são inúmeras e representam um terreno fértil para pesquisas sejam elas referentes à cognição ou ao gênero literário. Tais pesquisas podem proporcionar subsídios importantes para a compreensão de como elaboramos, representamos e expressamos nossos pensamentos de maneira narrativa.

(Notes for studying narrative)

Abstract: The text presents, briefly, a few ideas that have significantly increased the interest for the study of narrative in the past two decades. Such interest has not been limited to the traditional field of studying literary genre. On the contrary, more and more human cognition researchers have been looking, in the study of narrative, for elements that lead us to

19. “Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e finalmente como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob esses dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce do ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual”. Cf. BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 313

20. VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 125.

21. CHAFE, W. *Some things that narratives tell us about the mind*. In: BRITTON, B. K. & PELLEGRINI, A. D. (org.) *Narrative ... op. cit.* p. 79.

22. CHAFE, W. *Some things ... op. cit.* p. 80.

e a desvendar os mecanismos intrínsecos ao pensamento humano. Isso tem feito com que especialistas de diversas áreas (Psicologia, Neurologia, Literatura, Linguística, Semiótica, Comunicação) se dediquem ao estudo sistemático de narrativas tanto escritas quanto orais, produzidas por crianças, jovens ou adultos. A publicação de trabalhos de pesquisa que associam a narrativa a formas de pensamento e a consideram como a responsável pelo processo de construção e representação do pensamento humano tem demonstrado que ainda há muito a se conhecer sobre o pensamento narrativo. A nova perspectiva aberta por tais trabalhos coloca os estudos sobre narrativa na ordem do dia e ressignificam seu valor social.

Palavras-chave: narrativa, linguagem narrativa, pensamento narrativo, linguagem e cognição, cultura narrativa

understand and uncover the mechanisms that are intrinsic to human thought. This has led specialists in all areas (psychology, neurology, literature, linguistics, semiotics, communication) to dedicate themselves to the systematic study of narrative, both written and oral, produced by children, young people or adults. The publication of research papers that associate narrative to forms of thought, considering it as responsible for the process of constructing and representing human thought, has demonstrated there is a lot to be known about narrative thought. The new perspective opened by such studies puts narrative studies on the order of the day and brings new meaning to their social value.

Key words: narrative, narrative language, narrative thought, language and cognition, narrative culture